



Imigrantes brasileiros de classe popular nos Estados Unidos: Construções identitárias na relação com atividades de trabalho¹

Maria das Graças Dias Pereira

(Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

1. Introdução

“As oscilações e vertigens” (Fridman, 2000:62) que afetam trabalhadores brasileiros de classe popular na pós-modernidade se traduzem bem no contraponto das imagens de “Fronteira aberta” de Oliveira (2001:11) para se referir à movimentação dos europeus para a América, do velho para o novo mundo, principalmente no período de 1870 a 1930, e a de “Viagem pela fronteira do mundo global”, título da reportagem de Azevedo (2003) ao tratar dos atuais imigrantes nos Estados Unidos. Eles vão em busca de muito trabalho e de

¹ Projeto de Pesquisa Linguagem, Identidade Social e Trabalho: Construções identitárias de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos – LIST/ IMIG. Rio: Departamento de Letras da PUC-Rio, 2004.

atividades desprestigiadas: no setor da agricultura, na indústria de construção civil, nos serviços de limpeza pública, na hotelaria, nos restaurantes, em bares, casas de diversão, lojas de comércio, dentre outros (cf. Oliveira, 2001:61).

A minha proposta, no painel sobre “Sentidos em vertigem – práticas discursivas contemporâneas e desestabilização identitária”, consiste em mostrar e discutir como se dão as construções identitárias de imigrantes brasileiros de classe popular nos Estados Unidos, na relação com atividades de trabalho desprestigiadas pela comunidade local. Focalizo a construção de identidades discursivas e sociais no contexto de entrevistas de pesquisa, no decorrer de crônicas, histórias (De Fina, 2003) e de explicações, no ‘estado de conversa’ com o entrevistador, a partir das avaliações (Labov & Waletzky, 1967; Labov, 1972; Linde, 1993; 1997) dos participantes e de suas interpretações a respeito de suas decisões e dos trabalhos que executam.

Minha discussão insere-se na temática da reconfiguração das profissões e do trabalho nas sociedades contemporâneas. Por um lado, são centrais, na discussão da “nova ordem do trabalho” (Gee & Lankshear, 1995; Gee, Hull & Lankshear, 1999; Gee, 1999), a redefinição das habilidades profissionais, a importância do conhecimento e da comunicação nas profissões, característicos de uma sociedade pós-industrial que vem sendo renomeada como sociedade de conhecimento (Sarangi, 2002). Por outro lado, a crise mundial do desemprego, com as tensões e instabilidades das ocupações precárias e sub-remuneradas (Pochman, 2001), coloca em xeque a reconfiguração das profissões na pós-modernidade.

2. Arcabouço Teórico e Metodológico

2.1 Relações de ordem micro e macro

Os estudos voltados para as relações linguagem, trabalho e profissões, no âmbito do discurso, têm se intensificado nas últimas décadas do ponto de vista interdisciplinar (Gunnarsson, Linell & Norberg, 1994; Tannock, 1997; Linell & Sarangi, 1998; Sarangi, 1999; Borzeix & Fraenkel, 2001; Sarangi, 2002; Souza-e-Silva & Faïta, 2002; Wodak, 2002). Há pesquisadores que se voltam para o estudo micro, situado, das interações, sem considerar o contexto sociocultural e histórico. Outros estudiosos dedicam-se a estudos de

nível macro, contemplando a ordem interacional de forma secundária. E há ainda aqueles que vêm buscando uma integração entre as duas ordens do discurso. Tais estudos refletem as tentativas de integração entre as ordens interacional e institucional, entre os níveis de análise micro e macro do discurso (cf. Ellis, 1999; Sarangi, 1999; Gumperz, 2002; Stubbe et. al., 2003; Pereira, 2003b; Ribeiro e Pereira, 2004 – no prelo).

A minha linha de abordagem, na perspectiva da Sociolinguística Interacional, em interface com a Análise da Conversa e a Sociologia, é de buscar integrar os níveis micro e macro do discurso (Gumperz, 1999, 2002). Conforme Ribeiro e Pereira (2004, no prelo):

“Podemos perceber o contexto de forma *micro* -- captando mais especificamente as informações de natureza sócio-interacional que informam uma conversa, ou de forma *macro* -- refletindo sobre a visão sócio-histórica e institucional que ancora o discurso. Enquanto participantes em qualquer encontro face a face, nos utilizamos, a todo o momento, de pistas de contextualização (Gumperz, 1998) que nos remetem tanto para informações contextuais a nível micro (sócio-interacional, pessoal) como a nível macro (histórico, institucional).” (Ribeiro e Pereira, 2004)

Do ponto de vista da análise do contexto *micro*, situado, estarei captando informações de natureza sócio-interacional que informam a construção de identidades discursivas e sociais no contexto das entrevistas de pesquisa. Estarei analisando o relato de crônicas, narrativas e explicações (Linde 1993; De Fina, 2003) que ocorrem no ‘estado de conversa’ com o entrevistador. Focalizo, em especial, as avaliações (Labov & Waletzky, 1967; Labov, 1972; Linde, 1993; 1997) dos participantes e suas interpretações a respeito dos trabalhos que executam. As avaliações estarão trazendo informações sobre os valores e crenças dos participantes (De Fina, 2003: 21), entendidos como sistemas de coerência e/ou de senso comum (Linde, 1993), que estarão justificando as suas opções e/ou posições.

Em minha pesquisa, as identidades dos participantes, na relação com as atividades de trabalho, estão concebidas sob o ponto de vista da construção dos próprios imigrantes, no contexto da entrevista de pesquisa. Estaremos procurando estabelecer quais são as categorias de pertencimento em que se incluem ou das quais se excluem, como constroem tais categorias, como organizam seu conhecimento sobre tais categorias e, sobretudo, como avaliam o seu pertencimento a essas categorias.

A concepção de categorias construídas na interação, do ponto de vista dos participantes (cf. Mäkitalo & Säljö, 2002: 62-3), é desenvolvida por Sacks (1992:40-42) no âmbito da análise da conversa de base etnometodológica. Sacks argumenta que tais categorias resultam do que denomina uma ‘rica inferência’, a partir de perguntas do tipo “O que você faz”, “De onde você é”. Para o autor, grande parte do conhecimento que os membros de uma sociedade têm sobre a própria sociedade é estocado em categorias. Com respostas às perguntas do tipo “Qu-“, adquirimos conhecimentos sobre essa pessoa e podemos formular tópicos da conversa a partir desse conhecimento.

Dentro dessa perspectiva da etnometodologia, as categorias expressam e contam com a indexação. São encaixadas contextualmente e situadas em ocasiões específicas, em uma estrutura social em ação (cf. Hester and Eglin, 1997)². Categorização, nessa perspectiva, é um aspecto importante da construção do sentido em todos os tipos de conversas e esferas da vida social (cf. Mäkitalo & Säljö, 2002: 62).

Também são considerados, em nosso estudo, o posicionamento de De Fina (2003), em seu estudo sobre identidades de imigrantes mexicanos nos Estados Unidos, em sua utilização de categorias de pertencimento. A autora posiciona-se no sentido de conceber tais categorias do ponto de vista das relações sociais, e não de um self individual, na medida em que os narradores constroem e articulam uma variedade de significados que vão além da manifestação de seus selves individuais, abrangendo seus múltiplos vínculos com grupos e práticas sociais. O ‘sentimento’ de pertencimento é expresso através de processos de categorização e nomeação definidos pela aderência a valores, crenças e comportamentos (cf. p.18-9, 21).

Considerando o contexto macro da ‘nova ordem’ do trabalho na pós-modernidade (Gee & Lankshear, 1995; Gee, Hull & Lankshear, 1999; Gee, 1999), é importante observar, no âmbito da Sociologia, o tratamento das identidades na pós-modernidade, como o de Giddens ([1999] 2002) sobre os “dilemas do eu”, por ele denominados de unificação versus fragmentação, impotência e apropriação, autoridade versus incerteza, experiência personalizada versus experiência mercantilizada. Outros estudos significativos são os de

² Hester, S. and Francis, D. (1997). *Culture in action: studies in membership conversation analysis*. Lanham: International Institute of Ethnometodology and University Press of America. Ap. Mäkitalo & Säljö, 2002: 62, 81.

Sennet ([1999] 2002), sobre a questão da ética nas relações de trabalho e o de Canglini (1999), em sua perspectiva de “consumidores ou cidadãos” na vida moderna.

Fridman (2000) nos fala das “oscilações e vertigens” que afetam os trabalhadores na pós-modernidade. Em sua discussão sobre o trabalho, o autor contrasta posições de Giddens (1989)³ e de Sennet (1999) em relação à especialização flexível e à reflexividade dos atores da pós-modernidade. Giddens ressalta o caráter ativo e reflexivo dos indivíduos a respeito do que fazem em suas vidas cotidianas e referenda a “capacidade de iniciativa”, a “autonomia”, o “lançar-se na vida e correr riscos” (ap. Fridman, 2000: 54-58). Sennett (1999) avalia o alto custo pessoal da especialização flexível para os indivíduos, na medida em que as inovações frequentes, sem estabilidade nas carreiras, fazem com que não haja laços contínuos e duradouros entre tarefas e companheiros. A confiança, a lealdade seriam quebradas pela dinâmica do trabalho (p. 16, 49, 52, 56, 57, 61). A flexibilidade na organização da produção condiz com uma sociedade impaciente voltada para a satisfação de demandas de consumo permanentemente renovadas (p. 57). Assumindo as palavras de Sennett (1999:9), Fridman destaca que “uma vida de episódios e fragmentos não fortalece uma narrativa de identidade” (p.57). Por outro lado, os excluídos do mercado de trabalho, para Fridman, tornam-se cada vez mais um “refugio global” (p.19, 51).

O tema do trabalho, como coloca Sarangi (2002:329-30), tem sido um terreno fértil para a pesquisa de historiadores, economistas, psicólogos, sociólogos, cientistas políticos e filósofos. A definição do trabalho tem mudado ao longo dos séculos: de uma concepção abstrata com foco no trabalho intelectual, a partir de Hegel (cf. Konder [1981] 2001: p.24), passamos à noção de alienação do trabalho nas sociedades divididas em classes sociais, na visão de Marx. Seja, portanto, como algo penoso, um mal necessário, ou como elemento de auto-realização e até mesmo de salvação, a concepção de trabalho é ambivalente. O significado do trabalho, no entanto, de acordo com Grint (1991 ap. Sarangi, 2002)⁴, depende das circunstâncias sociais em que as atividades são empreendidas e de como são interpretadas pelas pessoas envolvidas.

2.2 Metodologia da pesquisa

³ Giddens, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

A pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativa (Johnstone, 2000). Entrevistas de pesquisa são consideradas, no âmbito de uma abordagem etnometodológica e sócio-construcionista, como um processo colaborativo de construção de significados pelos participantes (Holstein & Gubrium, 1997; Fontana & Frey, 2000). Historiadores que se voltam para o estudo da história oral vêm elegendo a entrevista como uma possibilidade de entendimento mas complexo da memória e da identidade (cf. Thomson, Frisch & Hamilton, [1996] 2002:69, 75).

As entrevistas de pesquisa foram feitas com dois casais de mineiros – Sara e Gilson, Mércia e Sílvio - que foram para os Estados Unidos em 1989 e retornaram em 1993 e 1994. Tanto Sara como Gilson nasceram em pequenas cidades do interior de Minas Gerais. Sara, antes da viagem, lecionava para a 4ª. série do 1º. grau em sua cidade natal, quando ainda era solteira e namorava com Gilson. Gilson também morava em sua cidade natal e trabalhava em uma oficina mecânica. Eles se casaram em 1989, nos dias de viajarem para os Estados Unidos. Após o retorno ao Brasil, no final de 1993, Gilson se tornou sócio de uma gráfica, junto a parentes, cuja consolidação financeira se deu durante a permanência nos Estados Unidos. Sara e Gilson têm, atualmente, dois filhos pequenos. Sara se dedica atualmente à educação dos filhos.

O segundo casal é formado por Sílvio e Mércia, que também nasceram em cidades menores do interior. Mércia, filha de um ex-prefeito da cidade, também era professora do ensino fundamental e lecionava para a terceira série de uma escola particular. Sílvio era técnico e trabalhava em uma companhia siderúrgica de uma cidade vizinha à sua, na região em que residia. Atualmente é responsável pela Administração Fazendária da Prefeitura da cidade em que reside e pretende se candidatar a vereador. Mércia, após o retorno ao Brasil, passou a dar aulas de inglês, e está fazendo Curso de Especialização em Língua Inglesa. Sílvio e Mércia têm dois filhos – um menino de 10 anos, que nasceu nos Estados Unidos, e uma filha.

As entrevistas com Sara e Gilson foram feitas por mim em 2003. As entrevistas com Mércia e Sílvio foram conduzidas por uma auxiliar de minha pesquisa, Maria Sonia Dias Pereira, habitante da mesma cidade em que residem Sara e Gilson. As gravações foram

⁴ Grint, L. *The sociology of work*. Oxford: Polity Press, 1991.

transcritas, a partir de critérios da análise da conversação (Atkinson & Heritage, 1984) e da análise do discurso, como observado em Schiffrin (1987:ix-x) e Tannen (1989:202-3).

3. Contextualização do processo imigração de brasileiros para os Estados Unidos

O trabalho representa hoje um dos principais dilemas e elementos de tensões do mundo moderno. No Brasil, em especial, a crise no trabalho se agrava a partir da década de 80. No período de 1950 a 1980, com grande impulso da industrialização nacional, o país viveu um ‘período de ouro’. No entanto, a partir de 1980, “a economia brasileira sofreu uma profunda inflexão”, com o indicador do emprego industrial regredindo; o final do século foi então marcado pela insegurança no emprego e por elevada concorrência no interior da população ativa (Pochmann, 2001:36, 39, 41). Vivenciamos, portanto, desde a década de 80, a crise do desemprego e das profissões.

Sales (1999:18-9) traça o percurso da chegada de imigrantes mineiros aos Estados Unidos na área de Boston, de 1967 a 1995. Os períodos de 1985 a 1989 (49,0) e o de 1990 a 1995 (28,6) foram os de maior fluxo de imigração. De acordo com Milesi, Bonassi & Shimano (2003), o deslocamento de brasileiros para o exterior constitui um fato novo na história do Brasil e é revelador, segundo Patarra & Baeninger⁵, dos efeitos da crise da internacionalização crescente da desigualdade econômica e social. Loyola e Azevedo (2004:68), em sua reportagem “América, nunca mais”, relatam que o Itamaraty estava viverem fora do Brasil 2,5 milhões de brasileiros, calculando-se que metade de pessoas que saíram do país foi para os Estados Unidos. De acordo a estatística, os percentuais são os seguintes: mineiros - 30%; paulistas – 20%; fluminenses – 18%; outros – 27%.

4. Análise dos dados

Em minha análise, a seguir, procuro mostrar como os imigrantes brasileiros, sujeitos de minha pesquisa, constroem as suas identidades, através de seus relatos no contexto da entrevista. Focalizo, em seus relatos, as circunstâncias da decisão de ir para os Estados

⁵ Neide Lopes PATARRA e Rosana BAENINGER. *Migrações Internacionais Recentes: o caso do Brasil*. In PATARRA, Neide Lopes (Coord.), op. cit., pp. 78-88.

Unidos, da permanência e do retorno, mostrando as instabilidades/ oscilações, vertigens e estados de equilíbrio nas construções identitárias de ordem pessoal e profissional.

4.1 Instabilidades e vertigens no projeto de vida pessoal e profissional

Os dois casais – Sara e Gilson, Mércia e Sílvio - têm em comum o fato de estarem no início do projeto do casamento. Há diferenciações, no entanto, em relação às instabilidades de ordem pessoal e profissional, bem como nas circunstâncias de realização da viagem, como veremos a seguir.

(i) Sara e Gilson

Sara e Gilson têm, em especial, o projeto do casamento que se concretiza de forma concomitante à decisão da viagem. Gilson, após a pergunta da entrevistadora “Ah:::como que foi essa história de ir pros Estados Unidos?” (T. 41⁶), responde “Na verdade eu, eu, eu nunca tive o sonho de ir pros Estados Unidos” (...) (T. 42). A seguir, ele relata como foi a decisão da viagem e do casamento, de forma simultânea.

Gilson coloca, inicialmente, as circunstâncias, que remetem ao namoro - “na época que eu namorava com a Sara” - , à situação financeira da época “a situação financeira naquela época não dava” e à interferência do amigo “um amigo veio..” (...) “esse amigo nos convidou pra que a gente fosse com ele”. Podemos ver a influência de uma terceira pessoa nas decisões, na medida em que, como havia mencionado antes, ele não tinha “o sonho de ir pros Estados Unidos”. A seguir, ele menciona os fatos simultâneos “porque eu fiquei noivo numa semana e casei na outra e viajei. Passei a lua de mel pelo México a fora”. Ele avalia tais fatos como “Isso foi engraçado né”, “Foi uma loucura”, dando a conotação da ‘vertigem’ da tomada de decisão, compartilhada pela entrevistadora, em sua expressão de surpresa “[assim em menos] de um mês?” (T. 51) e nos risos (T. 48). As instabilidades da decisão do casamento, no relato de Gilson, assemelham-se às circunstâncias da viagem pela fronteira do México.

Na entrevista com Sara, que foi realizada antes, podemos ver que ela ratifica a questão financeira e a influência de amigos, na decisão de ir. Sara, através do discurso relatado,

atribui a Gilson a motivação da decisão de ir “Sara emprego aqui tá muito difícil a gente começar do zero aqui neste país você sabe que é difícil↓”. As dificuldades são de emprego e de não ter como iniciar a vida a dois. O casal vai assim em busca de novos rumos, com a possibilidade de garantia do seu projeto de vida, respaldado pelo apoio de terceiros.

(ii) *Mércia e Sílvio*

Mércia e Sílvio estavam no início de seu casamento. O projeto profissional do casal já parecia estar delineado. Logo no início da entrevista, Mércia confirma “Tá ligado?” (T.1), referindo-se ao gravador e, mediante a resposta afirmativa de Sonia “Ta”, dá início a seu relato sobre as circunstâncias da decisão da viagem.

Mércia relata que era professora do antigo curso primário⁷, em uma escola particular, e que Sílvio era técnico de uma companhia da área de siderurgia, a X-Ita. O projeto profissional do casal já estava, portanto, em curso. O projeto da viagem surge na forma de discurso relatado, quando Mércia reproduz as circunstâncias de uma conversa em um domingo em um sítio, sobre a influência de uma terceira pessoa, de forma semelhante ao que ocorreu com Sara e Gilson “aí alguém falou assim “Por que que vocês não vão pros Estados Unidos?”. Também menciona que “A gente nunca tinha pensado.” A decisão surge, depois, de uma conversa do casal “aí depois a gente começou a conversar sobre isso. Aí falou “por que não?” Né?”. A decisão não envolve, portanto, angústia nem ansiedade, como ocorreu com Sara e Gilson. Podemos ver que, no relato do episódio seguinte, o da arrumação dos documentos para a viagem, Mércia faz avaliação positiva das circunstâncias, ao dizer “nós achamos assim (.) que tinha alguma coisa pra gente, porque foi tão fácil, não teve a interferência de ninguém”.

Sílvio, em seu relato, menciona também a influência de terceiros em sua decisão. Ele descreve situações em que eram mostradas fotos de pessoas que estavam nos Estados Unidos e cita falas de motivação para a ida “Por que a gente não pode ir pra lá, né?”. Suas razões são, por outro lado, de ordem profissional, como na sua fala: “falta de perspectiva de, de, de uma promoção pra técnico”. Sílvio avalia também de forma positiva as

⁶ T. corresponde a ‘turno’.

⁷ Atualmente denominado de ensino fundamental.

circunstâncias da viagem – “E demos muita sorte”, ao falar sobre a obtenção do visto para a viagem.

4.2 Múltiplas atividades: a inserção no contexto de trabalho na sociedade americana

Nesta seção, procuro destacar as categorias de pertencimento dos participantes em atividades de trabalho que se incluem ou das quais se excluem. Procuro ver também como eles constroem tais categorias, como organizam seu conhecimento sobre tais categorias e, sobretudo, como avaliam o seu pertencimento a essas categorias.

É interessante destacar a resposta de Gilson a minha pergunta “Quantos foram os trabalhos que você fez?”.(T. 105). Ele diz: É::eu quando vim embora eu tinha quatro trabalhos = (T. 108); brasileiro em si, se faz de tudo naquela terra (T.118).

4.2.1 A construção de identidades femininas

4.2.1.1 A categoria de *diswasher*

Nessa categoria, estamos tratando das identidades construídas na relação com atividades de limpeza, sejam essas no lar ou em outros contextos.

(i) Sara:

“quem não fala nada de inglês é tudo a dish=
Aí vai tudo pra dish que aí não precisa conversar é só lavar vasilha.

O relato de Sara sobre as suas experiências com as atividades de trabalho é interessante, porque ela estará construindo não apenas sua identidade, mas também uma das identidades de grupo do imigrante brasileiro, na relação com o trabalho. Ao falar de seu trabalho de limpeza à noite, suas avaliações são negativas, apontando a solidão “aí ficava sozinha” e a aridez do trabalho “aí era um trabalho mais difícil”.

Ela atribui esse tipo de trabalho aos imigrantes “e era só brasileiro só imigrante que trabalhava lá.” Sara tem consciência das limitações do trabalho de ‘brasileiro’ que não

domina o idioma ”que quem não fala nada de inglês é tudo a dish=” (T.149); “Aí vai tudo pra dish que aí não precisa conversar é só lavar vasilha.” (T. 153)

Ao falar sobre a necessidade do domínio do idioma, ela introduz outras atividades de trabalho – atendimento ao balcão, entregador de pizza (trabalho de Gilson, seu marido), para quem domina o inglês. E avalia como “os piores serviços” para quem não tem o domínio do idioma.

(ii) *Mércia:*

“ (...) família é muito bom de todo jeito, né?

(...) Até pra cê trabalhar de faxineira, entendeu?

Mércia avalia de forma positiva a sua relação com atividades de trabalhos de limpeza, procurando se diferenciar daqueles que não se adaptam bem a esse tipo de trabalho: “:: eu não tenho num tinha preconceito de trabalhar, de fazer as coisas e isso eu acho que tem gente muita gente- num tem essa, essa, essa, sabe?”(T. 11). Ela procura justificar ao fazer suas avaliações positivas “nós tivemos muita sorte” sobre suas atividades de trabalho de limpeza pela metáfora da família: “Então isso nós tivemos muita sorte porque Sílvio também, ele já teve essa criação que na casa dele eram SE::te filhos e a mãe sem::pre exigiu né? que eles ajudassem(.) então era normal, sabe↑ os homens ajudarem, faze ter obrigação dentro de casa, né?.”(T. 11).

Mércia usa a metáfora da família e de ‘cuidadores da casa’ para se incluir e colocar também o marido nessa categoria. Fala, no entanto, do estranhamento de sua mãe: mas a minha mãe: quando chegou lá, ela foi em noventa e três ela foi me visitar↓ que ela me vi:u limpan:do ca::sa e fazen::do as co::isas ela eu senti que ela ficou assim= (T. 11). Ela também justifica em função dos seus ganhos financeiros: “Porque pra mim era su:per natural que eu ganhava (risos) MUIto pra fazer aqui:lo então não tava nem, nem me mas é o que eu AMO fazer is:so(.) entendeu?” (T. 11).

4.2.1.2 A categoria de ‘cuidadora’

Nesta categoria, estamos tratando da construção de identidades junto a trabalhos que envolvem as pessoas e o lar. Sara e Mércia constroem tais identidades. Sara se inclui no

trabalho com as pessoas idosas. Ela se envolve emocionalmente com esse trabalho ” nossa eu ficava, as vezes eu ficava triste com elas ↓ °assim°.”, mas avalia essa atividade de forma positiva “Era muito bom. Eu gostava muito de trabalhar lá ↓”..

Podemos ver que Sara constrói sua identidade de ‘cuidadora’ com foco nas pessoas, ao partilhar do sofrimento das pessoas idosas que ficam nos asilos. Mostra assim a sua solidariedade no contexto do trabalho.

Mércia também se inclui nessa categoria. Ao falar sobre seu primeiro emprego, de ‘babá, quando chegou aos Estados Unidos, relata que conseguiu o trabalho através de uma amiga “Então:: eu quando cheguei, ela já me levou nessa casa eu não sabia falar nada né? Só palavrinhas BÁsicas assim soltas.” Na história que relata, destaca, sobretudo, os transtornos por não saber falar bem o inglês:

Sei que o menino choro TANto, TANto, TANto (risos) e ele tinha cinco anos.

E Ela deixou o telefo:ne do cinema pra mim.

E eu não sei co:mo que Deus me ajudou(.) porque eu, eu ligue::i eu falei o nome deles (.) e eu não, não sei não LEMbro o que eu falei.

Sei que eu conse:gui:: acessar(.) entendeu? (T.13)

Mércia avalia que deu muita sorte, porque conseguiu resolver o problema e porque a pessoa com que trabalhava tinha um “coração muito grande”.

4.2.1.3 A categoria de estudante

O pertencimento e/ou mudança de categoria nas atividades de trabalho estão sempre relacionados, na fala dos participantes, ao domínio ou não do conhecimento do inglês, que seria a porta aberta para poderem se incluir em trabalhos da ‘comunidade de comunicação’ local. Com Sara, já tínhamos visto esse posicionamento. Sara, no entanto, não vai para a escola e procura aprender apenas no dia a dia de seu trabalho “:: o que eu aprendi com as velhinhas já é bastante pra'eu me comunicar com eles= (T. 111). Mércia, no entanto, demonstra grande consciência na necessidade de aprender inglês.

Mércia revela, sobretudo, uma identidade de não passividade - “Porque é um caminho de você se impor, entendeu?”. Ela quer ser agente de suas ações e decisões: “Se cê cê

sempre ficar sem saber, outras pessoas resolvendo por você, o patrão sempre te mandando falando o que quer e você nunca podendo se colocar”. Ela quer também ser respeitada: “então é questão também de respeito. As pessoas tem que:::, né? saber se::: posicionar no lugar, né?” (T. 43)

4.2.1 A construção de identidades masculinas

(i) *Sílvio:*

o emprego do amigo

“O único problema é que você no emprego você não sabe o quê que você vai fazer”
(...) o primeiro emprego seu é de acordo com a amizade que ocê tem.”

O relato de Sílvio é interessante pela consciência que demonstra nas limitações de atividades de trabalho vinculadas apenas às relações de amizade. Ao responder à pergunta da entrevistadora “é fácil arrumar um emprego lá, rapidinho?” (T.17), Sílvio diz que O emprego é muito fácil, basta querer trabalhar porque emprego é o que mais tem.” (T. 18). Ele coloca, no entanto, a falta de opções de escolha, em função da dependência das relações de amizade para obter o emprego. Podemos ver, novamente, a consciência da necessidade de pertencimento à comunidade de comunicação local como forma de autonomia e da possibilidade de melhores opções de emprego. Sílvio rejeita, portanto, o pertencimento permanente a atividades de trabalho dos amigos. Ele releva querer construir outros caminhos.

(ia) *O trabalho na padaria*

Sílvio avalia de forma negativa o seu primeiro trabalho, em uma padaria, em função das horas de trabalho “Padaria é muito puxado vai até de madrugada”, da inclusão dos trabalhos de limpeza “é muita limpeza né tem que tá limpando o tempo inteiro” e da sua alergia a farinha “Então eu tinha alergia à farinha” (T. 90).O trabalho é transitório, com a permanência de quatro meses. Sílvio, não se incluindo nessa categoria de atividade de trabalho, relata, a seguir, que conseguiu outro emprego em um restaurante “Aí eu consegui

um emprego num restaurante e acabei saindo” (...) comecei a trabalhar em dois restaurantes, um de manhã e outro à noite. (T. 92).

(ib) Categorias de trabalho no restaurante

A entrevistadora faz perguntas-comentário sobre as condições de trabalho no restaurante “Lá você trabalha por hora né?”.(T. 96) e Sílvia passa a falar sobre a relação custo/benefício dessas atividades, em função do domínio de habilidades de comunicação em inglês. Sílvia vai então construindo as categorias de trabalho no restaurante, em função de tais habilidades. O ‘lavador de pratos’ é aquele que não sabe falar inglês – “quem não sabe fazer outra coisa a não ser lavar pratos”. O ‘ajudante de cozinheiro’ está ainda em fase de aprendizagem. Para chegar a cozinheiro, é necessário o domínio de inglês. Sílvia justifica que as ordens do chefe “são cantadas” e que “tudo na mesa tem que sair >junto” (T. 102). As ordens são dadas, portanto, para todos que trabalham no atendimento e na preparação dos pratos.

(ii) Gilson

A categoria de entregador de pizza

Gilson, como vimos no relato de Sara, trabalhava como entregador de pizza. Neste tipo de trabalho, também é necessário saber inglês: “tinha que ter o inglês porque tinha que entregar as pizzas, receber, ter os endereços quer dizer tudo isso precisa de um bom inglês” (T. 153).

Na entrevista com Gilson, ele menciona brevemente o seu trabalho com limpeza industrial “trabalhei com limpeza, limpeza industrial=” (T.125), mas é na categoria de entregador de pizza que ele se envolve e dá a dimensão dessa categoria. Ele diz: “É::o que eu mais fiz lá foi entrega de pizza (T. 126) e avalia positivamente “Então::é uma coisa boa↓” (T. 126); “Foi uma experiência fantástica=” (T. 128).

Gilson, no parte final da entrevista, retoma novamente essa categoria e amplia, ao incluir outras pessoas: “E nós éramos nove motoristas brasileiros.” (T. 1) ⁸ (...) um russo,

⁸ A parte final da entrevista foi gravada no outro lado da fita.

dois, dois, dois indianos e um ou dois americanos se tivesse era muito (T.5). Ele dá assim a dimensão de um tipo de trabalho executado principalmente por brasileiros, incluindo imigrantes de outros países, e poucos americanos. Procura também destacar a quantidade das entregas “o cara tinha uma quantidade pequena pra entregar uma média de mil e quinhentas pizzas por noite” e o ritmo ‘acelerado’ do tipo de trabalho “Era uma loucura, só se rodar o Rio de Janeiro, 110 quilômetros por noite entregando pizza.” (T. 5).

5. Considerações Finais

Procurei assim estabelecer em que categorias de pertencimento se incluem ou se excluem os imigrantes brasileiros. Busquei verificar também como avaliam seu pertencimento a tais categorias.

As categorias em que as mulheres se incluem nas atividades de trabalho não refletem reconfigurações em função da nova ordem do trabalho. Representam as antigas categorias da mulher cuidadora do lar e das pessoas (cf. Paoletti, 2002). Sara e Mércia se sentem bem nas categorias de cuidadoras das pessoas. Sara, no entanto, não avalia positivamente a sua inclusão na categoria de *diswasher*, manifestando a sua solidão e a dificuldade com essa atividade de trabalho. Mércia avalia positivamente a sua inclusão nessa categoria, a partir da metáfora da família. É interessante ver que Mércia, no entanto, tem consciência da necessidade de aprender inglês como forma de colocar-se como agente nas atividades cotidianas, assumindo a identidade de estudante. Sara não se vê nesta identidade.

As categorias assumidas pelos homens, embora no âmbito do domínio das habilidades de comunicação da cultura local, refletem também identidades tradicionais na área de serviços em contextos de alimentação, sem redefinição das habilidades profissionais. Sílvia e Gilson parecem rejeitar a inclusão na categoria de *diswasher*. Sílvia explicita seu posicionamento, buscando encontrar atividades de trabalho diferentes do ‘emprego do amigo’. Gilson não dá ênfase à categoria e mostra maior envolvimento com a categoria de entregador de pizza.

Destaca-se, no entanto, conforme Giddens (1989), o caráter ativo e reflexivo principalmente de Sílvia e Mércia na condução de suas vidas. Eles percebem que o pertencimento e/ou mudança nas categorias de atividades de trabalho mais compensadoras está relacionado ao domínio das habilidades de conhecimento do inglês.

Sílvio enfatiza, ainda, em sua fala, que “cê tem que ir pra lá com um objetivo.”. O seu objetivo era de construir uma casa no Brasil, de comprar uma fazenda. Ela alerta também para o perigo do consumismo (cf. Canglini,1999), porque “lá é uma tentação né tem tudo, tudo de primeiro mundo todo o dia aparece coisa nova é uma máquina de retrato nova é uma máquina de filmar nova”.

Percebe-se, no entanto, em suas falas, que todos eles têm o desejo de voltar aos Estados Unidos.

Gilson: “Eu tô fazendo legalização italiana. (...) Tô pensando nos meus filhos porque no dia de amanhã você imagina, eles podem estudar fora já vão, já vão sem, sem problema nenhum=”.

Sara: “Se precisar de ficar lá uns dois ou três anos eu tenho vontade de ficar. Mas agora, agora não porque os meninos estão na escola é difícil tirar eles daqui.”

Mércia: “Eu se tiver que falar comigo que pra mim voltar eu volto, entendeu?”

Sílvio: Então fica, pra quem já morou lá e vem pra cá é muito difícil continuar morando no Brasil. A tendência é voltar mesmo.

A viagem aos Estados Unidos permanece como ‘uma fronteira aberta’ em suas expectativas de vida e de desestabilização identitária.

Referências Bibliográficas



AZEVEDO, **Carlos**. Viagem pela fronteira do mundo global. Site da Internet. 2003

ATKINSON, J. Maxwell & HERITAGE, John. *Structures of social action*. Studies in conversation analysis. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

CANGLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio: Editora da UFRJ, 1999.

DE FINA, Anna. *Identity in narrative: a study of immigrant discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Company, 2003.

ELLIS, Donald G. Research on social interaction and the micro-macro issue. *Research on Language and Social Interaction*, v. 32, n. 1& 2, 1999. P. 31-40

- FONTANA, A. & Frey, J. H. The interview: From structured questions to negotiated text. *N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.) Handbook of qualitative research, (2nd. Ed.). EUA: Sage, 2000.*
- FRIDMAN, Luiz Carlos. *Vertigens pós-modernas*. Rio: Relume & Dumará, 2000
- GEE, James Paul. The future of the social turn: social minds and the new capitalism. *Research on Language and Social Interaction*, 32(1&2), 61-68, 1999.
- GEE, J. P., HULL, G. LANKSHEAR, C. *The new work order: Behind the language of the new capitalism*. USA: Westview, 1999.
- GEE, J. P. & LANKSHEAR, C. The new work order: critical language awareness and 'fast capitalism' texts. *Discourse: studies in the cultural politics of education* , 16(1), 5 – 19, 1995.
- GUMPERZ, John J. On interactional sociolinguistic method. IN: SARANGI, Srikant & ROBERTS, Celia (eds). *Talk, work and institucional order*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1999. P.453-471
- ____ Entrevista com John J. Gumperz. PEREIRA, Maria das Graças Dias & GARCEZ, Pedro M (org. e ed.). *Palavra*, Rio de Janeiro, Trarepa, 2002, n. 8, p.26-35
- HOLSTEIN, J. A. & GUBRIUM, J. F. Active Interviewing. D. Silverman (ed.). *Qualitative Research: Theory, method and practice*. Great Britain: Sage, pp. 113-128, 1997.
- LABOV, W. The Transformation of Experience in Narrative Syntax. In: LABOV, W. *Language in the Inner City*. Phil.: University of Pennsylvania Press, 1972, p. 354-396.
- LABOV, William & WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In J.HELM (org) *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle, University of Washington Press, 1967.
- LINDE, Charlotte. Evaluation a linguistic structure and social practice. GUNNARSSON, Britt-Louise; LINELL, Per & NORDBERG, Bengt. The construction of professional discourse. London: Longman, 1997. p. 151 a 172
- ____ *Life stories. The creation of coherence*. New York: Oxford University Press, 1993.
- MÄKITALO, Asa & Säljö, Roger (2002). Talk in institutional context and institutional context in talk: categories as situated practices. *Text*, 22(1)57-82

- PAOLETTI, Isabella. Caring for older people: a gendered practice. In: Stokoe, Elizabeth H. e Weatherall, Ann (eds.) *Gender, language, conversation analysis and feminism. Discourse & Society*, v. 13, no. 6, nov. 2002. Special issue p. 805-817
- MISHLER, E. G. *Research Interviewing: Context and narrative*. USA: Harvard, 1986.
- LOYOLA, Leandro & AZEVEDO, Solange. "América, nunca mais". *Época*, no. 322, 19 de julho de 2004. p.68-70.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.
- PITTAM, Jeffery. The historical and emergent enactment of identity in language. *Research on Language and Social Interaction*, v. 32, n. 1& 2, 1999. P. 111-117
- POCHMANN, Márcio. *O emprego na globalização*. S.P.: Boitempo, 2001.
- RIBEIRO, Branca Telles e PEREIRA, Maria das Graças Dias. *A Noção de Contexto na Análise do Discurso*. Veredas, Editora da UFJF, Juiz de Fora, 2004 (no prelo)
- SACKS, Harvey. *Lectures in conversation*. Jefferson, Gail (ed.). Cambridge: Blackwell, 1992.
- SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.
- SARANGI, Srikant. Editorial: on conditions of work, employment, unemployment, etc., and the deployment of text/discourse analysis. *Text*, v. 22, n. 3, 2002. P.329-336
- SARANGI, Srikant & ROBERTS, Celia (eds). The dynamics of interactional and institutional orders in work-related settings. IN: ____ *Talk, work and institutional order*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1999. p.1-57
- THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael & HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: Marieta de Moraes FERREIRA & Janaína AMADO (orgs.) *Usos & abusos da história oral*. 5.ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, [1996] 2002. Cap. 6
- WIDDICOMBE, Sue. Identity as an analysts' and a participants' resource. In: Charles Antaki & Sue Widdicombe (eds.) *Identities in talk*. London: Sage Publications, 1998. p.191-206

